

CONIC SEMESP

15º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: AUTO IMAGEM E SATISFAÇÃO CORPORAL EM UNIVERSITÁRIOS DAS ÁREAS DE EXATAS E SAÚDE

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE

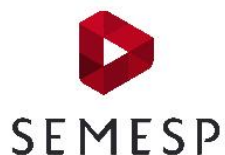
SUBÁREA: MEDICINA

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DE MARÍLIA

AUTOR(ES): MARCELA ZANDONADI CAPELOCI, CARLOS JOSÉ MARTINS NETO, FELIPE TEIXEIRA DE OLIVEIRA

ORIENTADOR(ES): CLÁUDIA RUCCO PENTEADO DETREGIACHI

Realização:



Apoio:



AUTO IMAGEM E SATISFAÇÃO CORPORAL EM UNIVERSITÁRIOS DAS ÁREAS DE EXATAS E SAÚDE

RESUMO

A imagem corporal é definida como a imagem que a pessoa tem em sua mente sobre o tamanho, forma, estrutura do seu corpo e o sentimento consentido sobre as características e constituição corporais. A distorção da percepção da imagem corporal leva a pessoa a sub ou superestimar o tamanho de seu corpo fato que possui grande influência no aparecimento e evolução dos distúrbios alimentares. Assim, o presente estudo se propõe avaliar a percepção e a satisfação com a imagem corporal entre universitários de um curso da área de exatas (Engenharia Elétrica) e um da saúde (Biomedicina) de uma universidade particular do interior do Estado de São Paulo, bem como investigar possíveis diferenças entre as áreas de estudo e o sexo. Foram coletados dados de sexo e idade de cada universitário participante, bem como o respectivo curso que frequenta na universidade. A percepção da imagem corporal foi avaliada utilizando-se a escala de silhuetas de Stunkard et al. (1983), adaptada por Scagliusi et al. (2006), a qual é composta por nove figuras. A satisfação corporal foi analisada por meio do cálculo da diferença entre o valor atribuído à imagem que o universitário gostaria de ter e o valor que o representa no momento. Esse score pode variar entre - 8 e + 8, e quanto mais distante de zero, maior o grau de insatisfação do universitário com a imagem corporal. Diferença negativa caracteriza insatisfação pelo excesso de peso e positiva pela magreza. Resultado igual a zero indica satisfação com sua aparência. Adicionalmente à aplicação deste instrumento foi solicitado aos estudantes que informem seu peso e sua estatura no momento do estudo para posterior classificação do estado nutricional por meio do cálculo do índice de massa corporal (IMC). Foram entrevistados 231 estudantes, sendo 123 alunos do curso de Biomedicina e 108 do curso de Engenharia Elétrica. A idade dos participantes variou de 17 a 47 anos, com média de 22,45 anos (DP = 4,68). Dentre os alunos do curso de Biomedicina que participaram deste estudo 76,4% são mulheres, enquanto que 92,5% dos alunos do curso de engenharia Elétrica são do sexo masculino. A avaliação da imagem corporal detectou que as silhuetas representativas de corpos eutróficos foram as mais assinaladas, não tendo sido encontrada diferença significativa nesta percepção entre as áreas e os sexos. Satisfação com a imagem corporal foi encontrada em 28% dos alunos participantes, enquanto que 46 % destes se apresentam insatisfeitos pelo excesso de peso e 26% pela magreza. A correlação entre o IMC atual e percepção da imagem corporal real foi positiva e significativa. Estes dados indicam que o padrão de beleza imposto pela sociedade não influenciou de sobremaneira estes alunos, fato que reduz a predisposição destes a apresentarem transtornos alimentares.

Palavras chave: Imagem corporal. Transtornos de alimentação. Universitários.

INTRODUÇÃO

No começo do século passado, a mulher tinha como padrão ideal um corpo com formas avantajadas. Hoje, é de um corpo magro, cujas formas são definidas, elegantes e bem desenhadas (BOSI et al., 2006). Este novo padrão de beleza tem influenciado consideravelmente estudantes universitários, para os quais a imagem corporal imposta pela sociedade tem mais importância do que a composição corporal que é realmente considerada saudável para a promoção da saúde (ROSA et al., 2008).

A procura pela fisionomia perfeita direciona algumas pessoas a desenvolverem transtornos alimentares, como bulimia e anorexia nervosa. Nessa busca profunda e irresponsável do corpo perfeito, cada vez mais pessoas estão sendo levadas à exaustão em exercícios físicos e à prática de dietas muito restritivas e, conseqüente, problemas nutricionais graves devido à baixa ingestão de nutrientes essenciais (ANDRADE; BOSI, 2003; KANO et al., 2008; KIRSTEN et al., 2009).

Os transtornos alimentares são considerados doenças que inviabilizam o indivíduo de possuir uma plena vida saudável e estes vêm ganhando espaço no meio acadêmico e nos meios de comunicação em massa, que dão destaque e se encarregam de divulgar os conhecimentos produzidos pela ciência. No desenvolvimento de tais transtornos há participação de variáveis biológicas, psicológicas e culturais. Entretanto, há uma vertente a qual relaciona a valorização do corpo propagado atualmente como um fator de grande influência no aparecimento e evolução desses distúrbios (SANT'ANNA, 2001; FERNANDES, 2006).

Tem sido observado que profissionais da área da saúde estão entre os grupos de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares, por apresentarem uma cobrança de si mesmo, e ainda cobrança que a própria sociedade realiza (GONÇALVES et al., 2008). O ingresso na universidade apresenta-se também como fator de risco para o desenvolvimento de tais transtornos, uma vez que o indivíduo sai do seu cotidiano e entra em um mundo novo, carregado de pressões psicológicas, mudança de hábito alimentar e diminuição do tempo disponível (CRUZ et al., 2011).

A imagem corporal é definida como a imagem que a pessoa tem em sua mente sobre o tamanho, forma, estrutura do seu corpo e o sentimento consentido

sobre as características e constituição corporais. A distorção da percepção da imagem corporal leva a pessoa a sub ou superestimar o tamanho de seu corpo (SCAGLIUSI et al., 2006) fato que possui grande influência no aparecimento e evolução dos distúrbios alimentares (SANT'ANNA, 2001; FERNANDES, 2006).

De acordo com Coqueiro et al. (2008) não só pessoas com índice de massa corporal acima do indicado estão insatisfeitas com sua imagem corporal. Por este motivo é que a análise da autoimagem se torna importante, pois através dela há possibilidade de analisar como o indivíduo se vê e gostaria de ser visto pela sociedade (THURM et al., 2011).

OBJETIVOS

O presente estudo se propõe avaliar a percepção e a satisfação com a imagem corporal entre universitários de um curso da área de exatas (Engenharia Elétrica) e um da saúde (Biomedicina) de uma universidade particular do interior do Estado de São Paulo, bem como investigar possíveis diferenças entre as áreas de estudo e o sexo.

METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

A população de estudo foi composta pelos alunos regularmente matriculados nos cursos de Engenharia Elétrica e de Biomedicina de uma universidade particular do interior do Estado de São Paulo, localizada na região centro-oeste. Estes alunos foram convidados a participarem do estudo e os interessados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido após receberem informações detalhadas sobre a natureza da investigação.

Foram coletados dados de sexo e idade de cada universitário participante, bem como o respectivo curso que frequenta na universidade.

A percepção da imagem corporal foi avaliada utilizando-se a escala de silhuetas de Stunkard et al. (1983), adaptada por Scagliusi et al. (2006), a qual é composta por nove figuras (Figura 1).

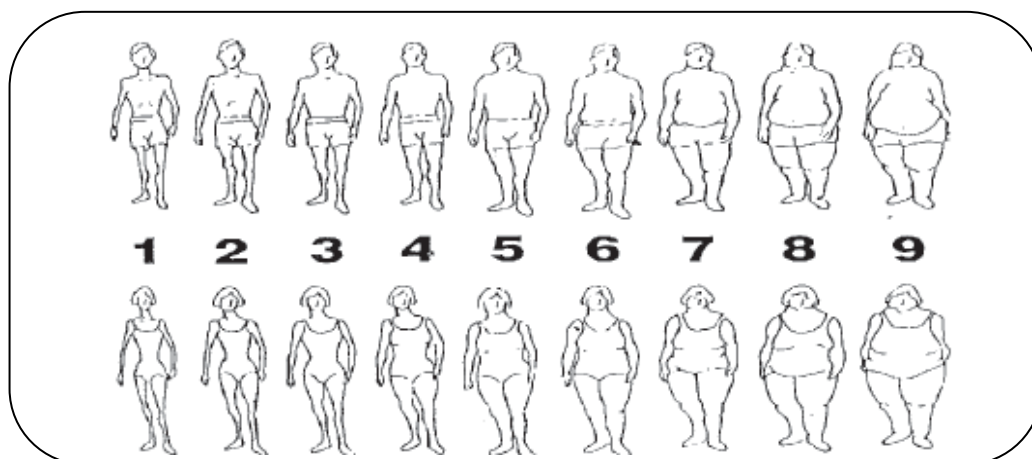


Figura 1 - Conjunto de silhuetas proposto por Stunkard et al. (1983).

De acordo com Madrigal et al. (1999) essas figuras são divididas em quatro categorias: silhueta 1- delgada (magra); silhuetas 2 a 5 - normal; silhuetas 6 e 7- sobrepeso; e silhuetas 8 e 9- obesa. As figuras esquemáticas foram apresentadas a cada universitário, acompanhadas das seguintes perguntas: “Qual dessas figuras é a que mais representa você atualmente?”, “Qual delas você considera a imagem de um corpo saudável?” e “Qual delas corresponde a que você gostaria de ser?”. A resposta à primeira pergunta corresponde à percepção da imagem corporal real (PICR) e à terceira à percepção da imagem corporal ideal (PICI).

A satisfação corporal foi analisada por meio do cálculo da diferença entre o valor atribuído à imagem que o universitário gostaria de ter (PICI) e o valor que o representa no momento (PICR). Esse escore pode variar entre - 8 e + 8, e quanto mais distante de zero, maior o grau de insatisfação do universitário com a imagem corporal (SCAGLIUSI et al., 2006). Diferença negativa caracteriza insatisfação pelo excesso de peso e positiva pela magreza. Resultado igual a zero indica satisfação com sua aparência.

Adicionalmente à aplicação deste instrumento foi solicitado aos estudantes que informem seu peso e sua estatura no momento do estudo para posterior classificação do estado nutricional por meio do cálculo do índice de massa corporal (IMC) e classificação deste segundo os pontos de corte preconizados pela World Health Organization (WHO, 1995).

Os instrumentos para coleta de dados neste estudo foram aplicados pelos pesquisadores previamente treinados, com o intuito de minimizar um possível viés de resultado. Os pesquisadores, após permissão do coordenador de cada curso,

aplicaram tais instrumentos na sala de aula, em dia e horário previamente acordado com o docente.

As análises estatísticas foram conduzidas por meio do *software* BioEstat 5.0. Para todas as análises foi considerado um nível de significância de 5%. Os dados foram apresentados em tabelas de frequência ou média \pm desvio padrão e mediana, mínimo e máximo. Os resultados foram comparados por meio do teste t entre as áreas de estudo e o sexo dos universitários. A análise de associação entre as variáveis estudadas será realizada utilizando o coeficiente de Pearson.

O presente estudo teve início somente após a apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Marília – Unimar.

RESULTADOS

Foram entrevistados 231 estudantes, sendo 123 alunos do curso de Biomedicina e 108 do curso de Engenharia Elétrica. A idade dos participantes variou de 17 a 47 anos, com média de 22,45 anos (DP = 4,68). Dentre os alunos do curso de Biomedicina que participaram deste estudo 76,4% são mulheres, enquanto que 92,5% dos alunos do curso de engenharia Elétrica são do sexo masculino.

A avaliação da imagem corporal feita mediante a resposta dos alunos às perguntas “Qual dessas figuras é a que mais representa você atualmente?”, “Qual delas você considera a imagem de um corpo saudável?” e “Qual delas corresponde a que você gostaria de ser?” detectou que as silhuetas representativas de corpos eutróficos (silhuetas 2, 3 e 4) foram as mais assinaladas como respostas às três perguntas (Figura 1). Não foi encontrada diferença significativa nesta percepção entre as áreas e os sexos ($p=0,4505$). Este achado sugere, felizmente, uma limitação da influência do padrão de beleza imposto pela sociedade sobre estes alunos.

A aplicação do teste de correlação de Pearson não indicou diferença significativa entre silhueta real e a ideal ($p=0,1225$) entre os alunos participantes.

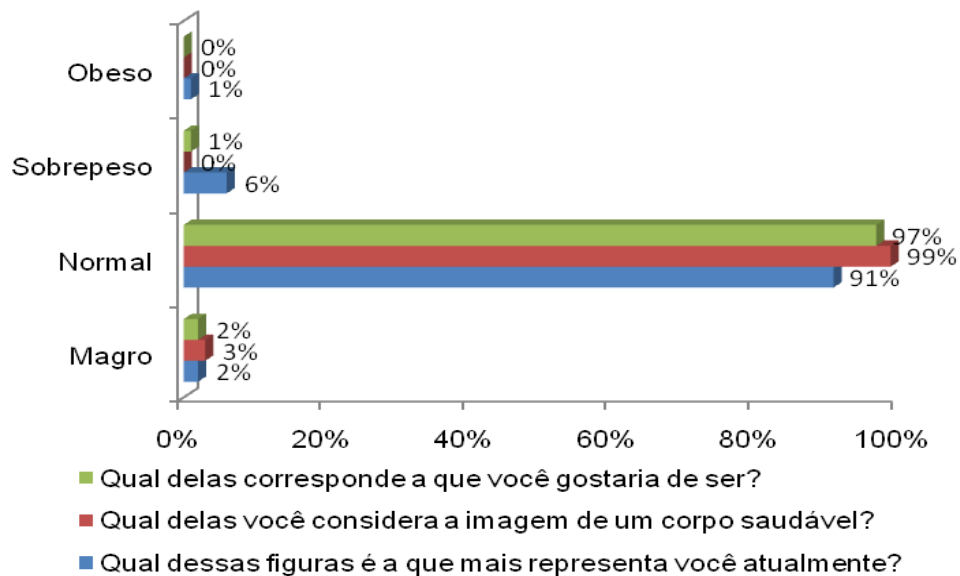


Figura 1- Percepção da imagem corporal pelos alunos participantes frente à apresentação do conjunto de silhuetas de Stunkard et al. (1983) (n=231), 2014.

Satisfação com a imagem corporal foi encontrada em 28% dos alunos participantes, enquanto que 46% destes se apresentam insatisfeitos pelo excesso de peso e 26% pela magreza (Figura 2). Não foi encontrada diferença significativa entre as áreas e o sexo.

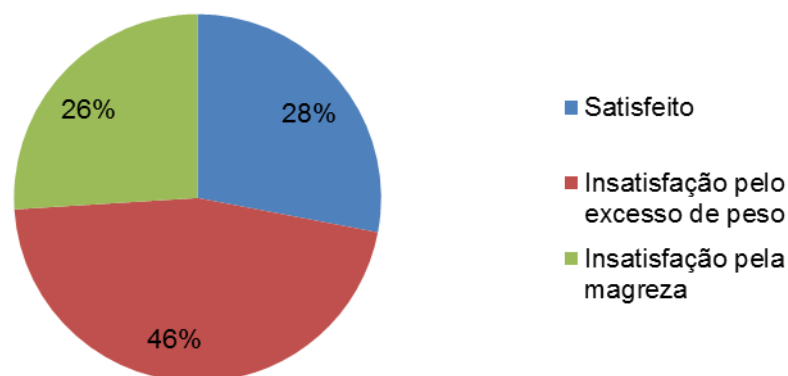


Figura 2- Satisfação com a imagem corporal entre os alunos participantes (n=231), 2014.

A correlação entre o IMC atual e percepção da imagem corporal real (PICR) realizada pelo coeficiente de correlação de Pearson foi positiva e significativa

($r=0,7447$, $p<0,0001$), indicando proporcionalidade entre o corpo físico atual e a forma como o aluno se vê (Figura 3).

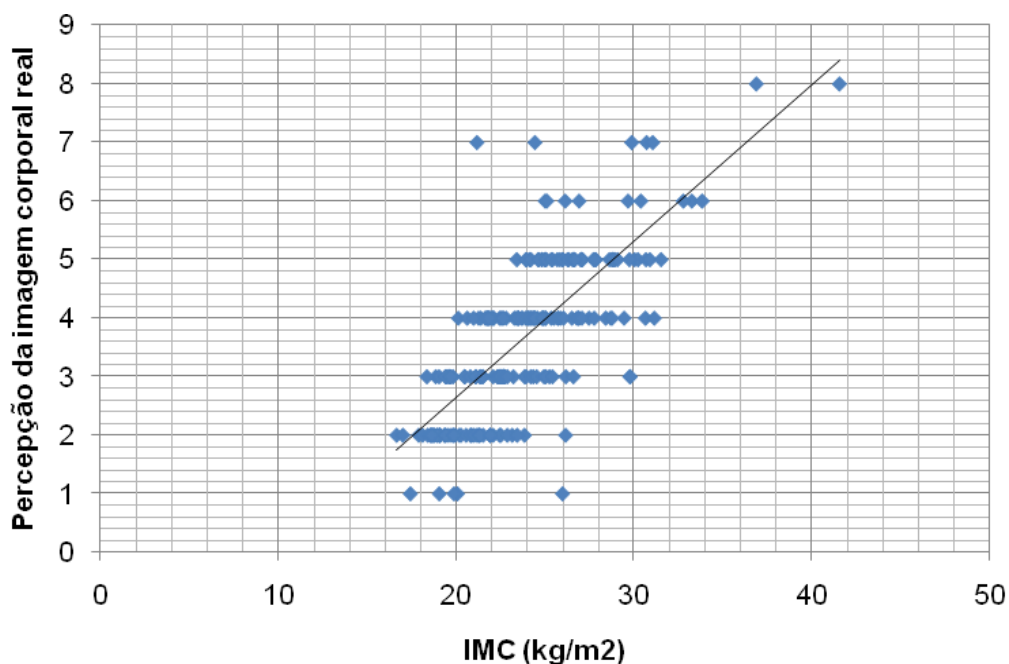


Figura 3 - Correlação entre IMC atual e percepção da imagem corporal real (n=231), 2014.

CONCLUSÕES

A maioria dos estudantes investigados apontou silhuetas eutróficas como imagem tanto de corpo saudável como de corpo ideal, o que nos indica que o padrão de beleza imposto pela sociedade não influenciou de sobremaneira estes alunos, fato que reduz a predisposição destes a apresentarem transtornos alimentares.

Embora não tenhamos encontrado diferença significativa entre a silhueta apontada como real e a ideal entre os alunos participantes, 46% destes acusaram estarem insatisfeitos por apresentarem excesso de peso.

Tanto a percepção da imagem corporal quanto a satisfação com esta mostraram-se iguais entre as áreas de exatas e da saúde, como também entre os sexos.

REFERÊNCIA

ANDRADE, A.; BOSI, M.L.M.; Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.16, n.1, p.117-125, jan./mar. 2003.

BOSI, M.L.M.; LUIZ, R.R.; MORGADO, C.M.C.; et al. Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. **J Bras Psiquiatr**, v.55, n.2, p.108-113. 2006.

COQUEIRO, R.S.; PETROSKI, E.L.; PELEGRINI, A.; et al. Insatisfação com a imagem corporal: avaliação comparativa da associação com estado nutricional em universitários. **Rev Psiquiatr.**, Rio Grande do Sul, v.30, n.1, p.31-38. 2008.

CRUZ, A.C.; STRACIERI, A.P.M.; HORSTS, LEITE, R.F.M. **Percepção Corporal e Comportamentos de Riscos para os Transtornos Alimentares em Estudantes de um Curso de Nutrição**. In: 3º CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE, 12ª SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E 3ª SEMANA DE EXTENSÃO – UNILESTE - MG "INOVAÇÃO A SERVIÇO DA VIDA E AMBIENTES SAUDÁVEIS.", 2011, CORONEL FABRICIANO/MG. Anais... Itapinga: Nutrir Gerais, 2011, p. 821-840.

FERNANDES, M. H. **Transtornos alimentares: anorexia e bulimia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GONÇALVES, T.D.; BARBOSA, M.P.; ROSA, L.C.L. et al. Comportamento anoréxico e percepção corporal em universitários. **J Bras Psiquiatr**, v.57, n.3, Rio de Janeiro, 2008.

KANNO, P.; RABELO, M.; MELO, G.F. et al. Discrepância na imagem corporal e na dieta de obesos. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.21, n.4, p.423-430. jul./ago 2008.

KIRSTEN, V.R.; FRATTON, F.; PORTA, N.B.D. Transtornos Alimentares em Alunas de Nutrição do Rio Grande do Sul. **Revista de Nutrição**, v.22, n.2, p.219-227. mar/abr 2009.

MADRIGAL-FRITSCH, H.; IRALA-ESTÉVEZ, J.; MARTÍNEZ-GONZÁLEZ, M.A. et al. Percepción de la imagen corporal como aproximación cualitativa al estado de nutrición. **Salud Publica Mex.**, v.41, n.6, p.479-86, 1999.

ROSA, C.S.; GOMES, I.M.S.; RIBEIRO, R.L. Transtornos Alimentares: Uma Análise Abrangente em Acadêmicos de Nutrição. **Saúde & Ambiente em Revista**, Duque de Caxias, v. 3, n.2, p. 41-47. jul-dez 2008.

SANT'ANNA, D. B. de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 3-23.

SCAGLIUSI, F.B.; ALVARENGA, M.; POLACOW, V. O. et al. Concurrent and discriminant validity of the Stunkards figure rating scale adapted into Portuguese. **Appetite**, v. 47, n. 1, p. 77-82. 2006.

STUNKARD, A.J.; SORENSON, T.; SCHLUSINGER, F. Use of the Danish adoption register for the study of obesity and thinness. In: KETY, S.S; ROWLAND, L.P.;

SIDMAN, R.L.; MATTHYSSE, S.W. **The genetics of neurological and psychiatric disorders**. New York: Raven, 1983. p. 115-20.

THURM, B.E.; MIRANDA, M.L.J.; SALZANO, F.T, et al. Revisão dos métodos empregados na avaliação da dimensão corporal em pacientes com transtornos alimentares. **J Bras Psiquiatr**, Rio de Janeiro, v.60, n.4, p. 331-336. 2011.

WHO (World Health Organization). Physical Status: **The Use and Interpretation of Anthropometry**. Technical Report Series 854. Geneva: WHO. 1995.